

## O Museu clássico na concepção do Eu no Movimento Romântico

“Por escuro e ermo trajecto,  
Por anjos maus assombrado,  
Onde à Noite, um triste Espectro  
Reina em preto trono erecto,  
Eis-me aqui recém-chegado  
Da última Thule encoberta...  
De um clima agreste e deserto, sublime  
Conquanto incerto,  
Do Espaço e do Tempo liberto.”

Edgar Allan Poe, O País dos sonhos (Poe, 2009, p. 149)

A época do romantismo musical coincide com o Romantismo na literatura, filosofia e artes plásticas. A ideia geral do romantismo é que a verdade não poderia ser deduzida a partir de axiomas. Certas realidades só poderiam ser captadas através da emoção, do sentimento e da intuição. É neste contexto que tão bem ilustra este poema de Poe que poderemos contextualizar o Museu do século XIX, como grande advento do Museu com finalidades mais abrangentes do que anteriormente eram concebidas. No entanto, essa construção paralela a um conjunto de revoluções sociais estava vinculada à ideia do individual.

Se pensarmos o Museu do século XIX segundo uma nova concepção do “*Eu*” nas origens filosóficas do Movimento Romântico, resgatamos do pensamento de Fichte<sup>1</sup> um “*Eu*” como sendo uma realidade primordial e absoluta.

Assim, o “*Eu*” desenvolve uma actividade pura em busca do infinito; esta actividade não é possível sem a oposição ao “*Não Eu*”. Contingência da realidade: o “*Eu*” cria o “*Não Eu*” através da sua actividade reflexiva, mas o sujeito coincide com o objecto. Então:

- O “*Eu*” é o génio individual que busca incessantemente o absoluto inatingível.

---

<sup>1</sup> Johann Gottlieb Fichte (Rammenau, Saxônia, 19 de Maio de 1762 - Berlim, 27 de Janeiro de 1814) foi um filósofo alemão.

- Essa busca incessante é contrariada pela impossibilidade de transpor a realidade concreta, finita e contingente. Como na frase de Almeida Garrett<sup>2</sup>, *Nasci com energias demais, tenho poderes demais no coração*.
- O “*Eu*” é a actividade criadora, cria uma realidade a partir do nada, a única verdadeira e não aquela que vemos e sentimos, sendo apenas no nosso interior encontrada a verdade procurada.
- Esta ideia da criação “*ab nihilo*”<sup>3</sup> opõe-se à ideia de imitação ou classicismo – mundo das grandes colecções e dos importantes antiquários.

O Museu não é o espelho que reflecte a realidade pré-existente, pretende antes ser a lâmpada, energia criadora que cria a própria realidade à imagem do sujeito egocêntrico.

---

<sup>2</sup>Almeida Garrett (Porto, 4 de Fevereiro de 1799 — Lisboa, 9 de Dezembro de 1854) foi um escritor e dramaturgo romântico, orador, Par do Reino, ministro e secretário de Estado honorário português.

<sup>3</sup>Expressão em Latim.